

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno 36 n.ºs | Semest. 18 n.ºs | Trim. 9 n.ºs | N.º à entrega | 29.º Anno — XXIX Volume — N.º 996 | Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5 |
|---|-----------------|--------------------|-----------------|---------------------|-----------------------------------|---|
| Portugal (franco de porte), m. forte... | 3\$800 | 1\$900 | 950 | \$120 | 30 DE AGOSTO DE 1906 | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsável Caetano Alberto da Silva. |
| Possessões ultramarinas (idem)..... | 4\$000 | 2\$000 | — | — | | |
| Extrangeiro (união geral dos correios) | 5\$000 | 2\$500 | — | — | | |

Chronica Occidental

Onde estou, chegam-me os jornaes com tantas horas de atraso, que temo—com mais a viagem da minha chronica até Lisboa—falar de coisas velhas aos meus leitores.

Ha no Algarve, quasi em frente de Villa Nova de Portimão, uma aldeiasita chamada Ferragude, povoação de pescadores, que, segundo me dizem, tinha d'antes o privilegio de fornecer os remadores para as galeotas reaes. Entre ella e a barra, ao alto d'um pequenino cabo que avança para o rio, ergue-se o castello de Arade, joia preciosa engastada n'uma grande turqueza, hoje propriedade de Coelho de Carvalho.

Na grande sala do Castello, começo a escrever esta chronica, e, em volta de mim, o rio de Silves canta a musica, sempre a mesma e sempre nova, que tão perfeitamente bate o compasso aos pensamentos melancolicos, e que, ali defronte, na Rocha, a praia elegante do Algarve, tantas declarações de amor acompaña.

Chegam-me tarde as noticias, e alguns pontos de interrogação, que ainda faço, já em Lisboa, a estas horas tiveram sua resposta: sustos desapareceram ou morreram esperanças.

Ainda aqui não sei que sorte boa ou má tiveram as praças do cruzador *D. Carlos*, cujo julgamento tanto ha interessado Portugal inteiro. Mas a um ponto muito importante do discurso do sr. promotor, capitão Motta e Sousa, me tenho de referir, porque honra sobremodo o distincto official. Era um tribunal militar o que ali estava reunido, tratava-se d'um crime gravissimo; mas—observou elle—os tribunaes, mesmo os tribunaes militares, não devem prescindir de humanidade. Diz o jornal, onde colho estas informações, que o discurso do sr. Motta e Sousa produziu na assembléa agradável impressão pela sobriedade e clareza da exposição, e por de todo elle resaltar um sensato espirito de justiça.

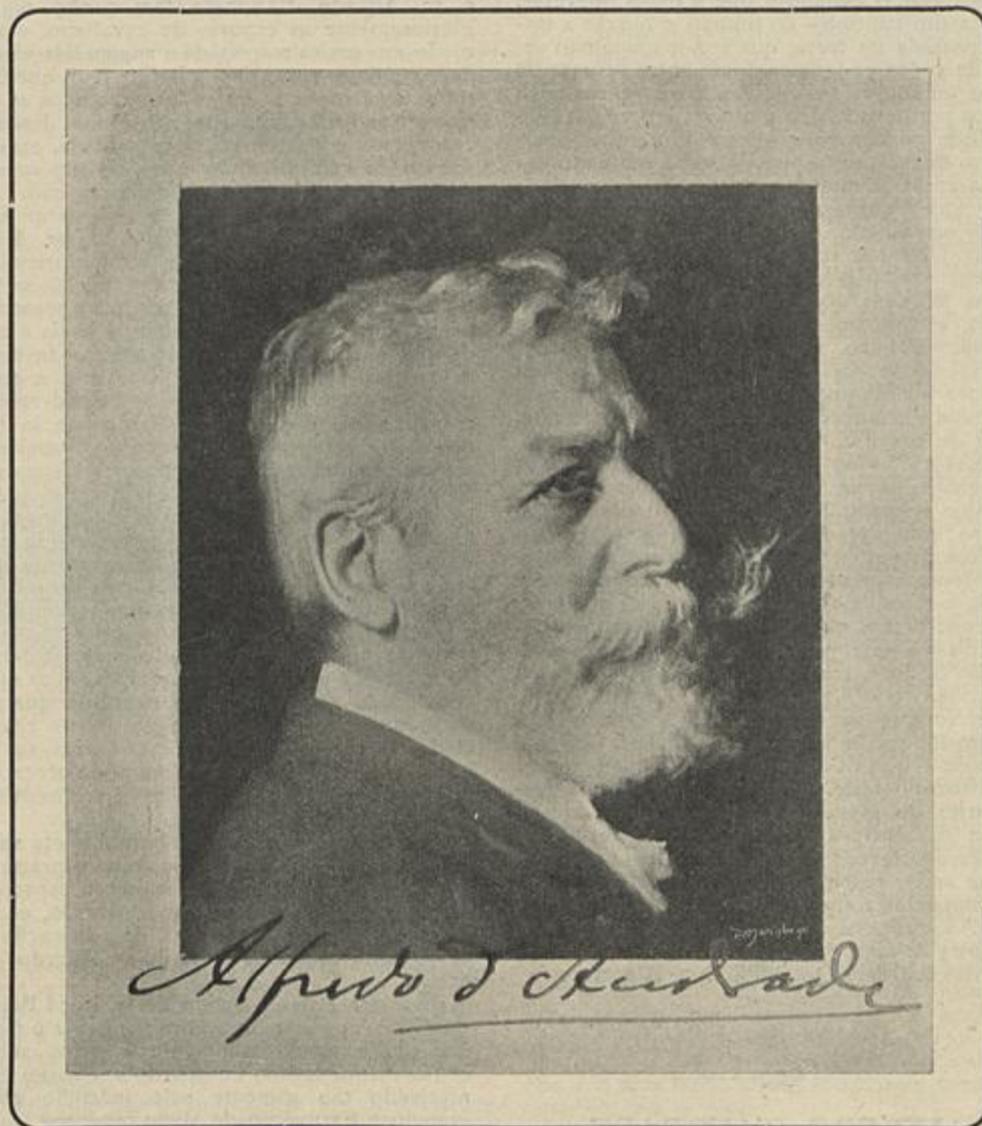
Pois onde póde haver verdadeira justiça que não haja muita misericórdia? Não deveriam ser as palavras quasi sinonimos?

Algumas das praças accusadas foram decerto absolvidas; para outras seria pequenissima a pena. O que mais doe, muita vez, na applicação das leis é o muito que soffrem com ella, mais do que os proprios condemnados, innocentes, cujo coração purissimo só batia de affecto. Ainda, ha bem poucos dias, os jornaes nos contavam a anciedade com que por muitas mães, noivas ou irmãs o julgamento era esperado, e as lagrimas com que olhos turvos, cheios de ternura, se fitavam nos rostos melancolicos dos réus.

Estará o julgamento acabado talvez á hora em que esta escrevo; muitos corações estarão batendo pausadamente; outro assumpto já fará parte principal de todas as conversações: a politica naturalmente. Logo á noite o saberei, quando chegar a Faro, a terra que teve a honra de eleger para deputado o sr. João Ferreira Franco Pinto de Castello Branco, presidente do conselho.

N'estes dois dias pouco ouvi de politica, mas muito da abundancia do figo e da escassez de amendoa. Respirei o ar da bahia de Lagos, muito iodado, vi funcionando o Club da Rocha e, como quem cumpre um dever de civilisação, perdi dois tostões á roleta, apesar de que, n'estas mesmas columnas, tenho escripto contra a tolerancia da jogatina. Um homem não é de ferro.

O tempo vai lindo. Eu cuidava encontrar no



Algarve uma temperatura senegalense, só boa para os figos nos almeixares. O dia está hoje delicioso, como de primavera, e, não fôra o fumo das queimadas, veria nitido o desenho gracioso da serra de Monchique, azul ferrete no azul purissimo do céu. *Agosto azul* chamou Teixeira Gomes a seu livro, que tão deliciosamente descreve estes mares, estes sitios, esta gente.

Quando hontem a lua de agosto, muito vermelha, se escondeu atraz do promontorio que termina na elegante Rocha, agora toda a enfeitar-se, vinha eu atravessando o rio, e logo os remos dos catraeiros pareceram levantar da agua milhões de perolas, tanta era a ardentia. Quizera ter ali a meu lado um poeta lyrico a falar-me nos vestidos das nereidas, que com rendas assim deviam de ser enfeitados.

Está chegando o mez de setembro, e os mais felizes vão prestar suas homenagens ao mar, porque é hygienico e porque é da moda. Decerto

uma chronica litteraria teria em Espinho ou na Granja, na Nazareth ou em Cascaes, muito mais em que procurar inspiração do que nas desertas ruas de Lisboa, em que já raro se encontra um rosto formoso, em que já é raro um bocado de cavaco a uma esquina, por mingua de assumpto. Por muito que se faça esforço, por muito que a delicadeza nos imponha a obrigação de dizer alguma coisa, o abanar lento do chapéo de palha não traz idéa que não seja: tem feito muito calor!

E responde o outro por delicadeza:

— Estamos em agosto.

— E' verdade, em setembro já é mais fresco.

E depois volta o silencio, que a inspiração acabou-se.

Esta obrigação de falar, que muitos julgam delicadeza, faz-nos ás vezes passar tormentos. Um dia, n'um *pirata*, ás sacudidelas pela rua de S. Paulo, um meu conhecido, que aliás não ia

defronte de mim nem a meu lado, julgou dever dizer-me algumas coisas a que eu respondia com dificuldade porque nos separava uma diagonal. Sim, não, dizia eu, e logo a conversa se exgotava. Então o homem quiz despertar-me o interesse. E conseguiu-o.

— Sabe? Estive em Coimbra e vi lá o seu filho.

— Ah! sim?... E como estava o rapaz?

— Muito bem.

E deu-me pormenores. Conseguiu o fim. Até já me approximára um pouco, talvez incommo-dando o meu visinho.

— E quando foi que esteve em Coimbra?

— Faz esta primavera tres annos.

— !...

Ha gente que traz sempre comsigo a mania de fazer, onde calha, como que uma visita de cerimonia, de tudo o que ha n'este mundo o mais pigrosamente semsabor, mesmo contando os dialogos de contra-dança. Enfiar vulgaridades e logares communs, repetil-os quando se esgotam, varial-os na intenção, sublinhal-os com sorrisos, pontual-os com virgulas, pontos finaes e de admiração, dar-lhes ás vezes profundeza e outras vezes malicia, que mais é preciso para andar muito caminho? E' um talento de patetas, mas é um talento na vida.

Se fosse possível, de quando em quando, em vez de tratar o assumpto que a todos interessa, poder a um cantinho do mundo ir buscar a tragedia passada na treva, que fecundidade não seria a de todos os tempos, fosse entre brumas de janeiro ou sob os esplendidos luares que a nova lua nos promete! Nem tanto seria preciso; bastaria que os corações fossem um pouco mais transparentes, que os pudesse ver a gente através das mascaras de muitos sorrisos.

Não haveria verão nem inverno em que o assumpto nos falhasse.

E de falar em risos e de falar em lagrimas, que sem ellas não ha luto, lembrei-me agora do Militão, a quem deu fama, ainda mais que seu talento, a vida bohemica que levou. Era d'este Algarve, de Faro, onde estudou no seminário e d'onde sahio para, pouco depois, entrar n'um convento no Minho. Mas foi na Rua dos Condes que todos o conhecemos, tocando no antigo café, depois de haver com o Sergio violoncellista ganho suas noites no Refilão e inspirado a Fialho d'Almeida algumas de suas melhores paginas. O antigo noviço não o chamára Deus para o claustro; mas dera-lhe, a par do talento, o mais completo desequilibrio. Deixava crescer a cabelleira, deixava crescer as barbas, e compunha e tocava, e fazia ás vezes maravilhas ao orgão ou ao piano; depois rapava-se todo e desaparecia. N'um d'esses desaparecimentos morreu no hospital de S. José. Era das figuras mais populares de Lisboa.

E creio que pouco mais pela cidade haverá acontecido que mereça archivo. Mais facil me fôra hoje — que isso offerceria alguma novidade aos leitores — falar-lhes d'esta aldeia, onde descendentes de grandes descobridores me ajudariam a descobrir alguma coisa bella, mais facil me fôra descrever-lhes bellezas do rio e do mar, do que andar respigando novidades de sensação nas compactas columnas dos jornaes lisbonenses.

— E' agosto, não admira, dizia o tal amigo, que gosta de falar por falar.

Agosto azul!... Que lindo é no Algarve.

JOÃO DA CAMARA.



ALFREDO D'ANDRADE

A recente e inesperada morte do sr. Julio d'Andrade, o benemerito lisbonense que tão nobre, levantada e altruistamente marcou a sua breve passagem por este mundo, commettendo obras que o seu nome deixaram inscripto e gravado indelevelmente nos fastos do ultimo quartel do seculo xix e nos poucos annos decorridos do seculo xx, e o assignalam em resaltante e perduravel marco milliar, cuja alta e suggestionante significação eu procurei rastrear, não ha muitos annos, em artigo sahido no OCCIDENTE e consagrado ao exaltamento tão justamente devido ao hoje saudoso morto, trouxe a Lisboa seu irmão o sr. Alfredo d'Andrade que desde longos annos se ausentou para a Italia, e fixou residencia em Florença, a sempre incontestavel *alma mater* das artes, aonde estas o chamaram e onde estas o têm retido preso em seus enleamentos, e tal caso, com quanto lamentavel pelo motivo que o originou, abre ensejo para que mais uma vez na

imprensa periodica da nossa terra se registe e memore a benemerencia que n'esse luminoso paiz lhe é votada por todos os que professam a Arte e por todos os que d'ella entendem e ainda por todo o publico illustrado.

Por ser uma memoravel coincidencia, e como de todo o ponto a proposito, no n.º 215 de 8 do corrente, anno 31.º, do *Corriere della Sera*, um dos mais importantes diarios de Milão e da Italia, sahio um artigo, firmado pelo sr. Luca Beltrami, um dos primeiros criticos d'arte da actualidade, em que este memora muitos dos predicados e levantadas qualidades que se reúnem no preclaro filho de Lisboa e o enaltecem, e d'esse artigo respigarei algo para esta despretençiosa noticia que lhe firmo, bem certo de que não serão inteiramente perdidos os momentos que lhe consagre, pois creio bem que pessoa alguma das que me leiam deixará de jubilar-se ao vêr como o sr. Alfredo d'Andrade, na esteira e á compita com tantos outros portugueses que actualmente estão honrando sua patria no estrangeiro, vae assignalando sua forte e bem caracterizada individualidade entre estranhos, logrando fartas benemerencias para si e para a sua patria.

E para que tal sentir, em nós os portuguezes se avive e acendre, em muito deve pesar o considerar-se que é no campo das Bellas-Artes que o sr. Alfredo d'Andrade tem ganho digna e gloriosamente as esporas de cavalleiro, e accentuado sua muita respeitada e applaudida virtualidade, e isto em paiz — a Italia — em que desde todos os tempos e em todos os tempos as artes tiveram o primado, e que, sobretudo, desde que conquistou a sua libertação e unidade, caminha, sob todos os tantissimos e multiplices aspectos do progresso, na vanguarda da civilisação.

Consideração esta é só por si bastante a destacar a nobre e laureada figura do sr. Alfredo d'Andrade sobre socco levantado e glorioso.

Brotando em mim, ao ler esse artigo do sr. Luca Beltrami, incidentemente escripto, e apesar d'isso confirmativo do muito em que já havia e considerava o sr. Alfredo d'Andrade, o invencivel desejo de testemunhar publicamente o quanto me alegrem e suggestionam as considerações e respeitos que n'esse torrão abençoado da cultura intellectual, berço opulentissimo de muitas das maiores summidades nas Artes, nas Letras e nas Sciencias, lhe eram votados e consagrados, desde logo me acudiu á mente o solicitar para isso lugar no OCCIDENTE não só por ter sido n'elle, como atraz já o referi, que dei conta da muita benemerencia que, com todos, consagrava a seu saudoso irmão Julio d'Andrade, mas ainda porque, sem menosprezo para qualquer das outras publicações periodicas do nosso paiz, não conheço entre todas ellas, e não poucas são as que na actualidade ahi vêm a lume, nenhuma que possa apresentar tão longos e suggestivos e reverenciados fastos de culto por esta occidental praia lusitana e por tudo o que lhe pôde acrescentar as tantas e tão famosas glorias de seu inolvidavel passado.

Eis o motivo por que lhe bato á porta sempre generosa e franca para casos como o presente, e lhe peço, contando com deferimento, espaço para sagração de meu preito, modestissimo, é certo, mas bem sentido e sincero, de admiração pela assignalada individualidade do sr. Alfredo d'Andrade.

Disse atraz que o artigo do sr. Luca Beltrami no *Corriere della Sera*, fôra incidente e não deliberada e propositadamente escripto sobre o nosso distinctissimo compatriota, e assim é, pois motivado tão sómente pelo incendio que na grandiosa Exposição de Milão rebentou em 3 do corrente, e tornou pasto das chammas muitas das obras excellentes e algumas primas, que ahi haviam concorrido, incendio cujas lamentaveis consequencias tambem em não pouco aggravaram o sr. Alfredo d'Andrade, pois que no Pavilhão de Architectura, onde estavam expostas, todo consumido pelo fogo, se achavam expostos, entre outros trabalhos seus, os documentos graphicos das suas plantas da maravilhosa restauração por elle levada a bom fim do Palacio de S. Jorge de Genova, assim como os documentos graphicos de muitas outras obras de restauração emprehendidas e executadas sob os auspicios do «Ufficio Regionale» dos monumentos do Piemonte e Liguria, do qual elle é director desde sua fundação.

Sendo muito para lamentar a destruição e perda de tantos trabalhos, testemunhos da genial e incansada actividade do illustre lisbonense, o que bem frisa o sr. Beltrami, ainda assim bem para se darem graças é que escapasse á voracidade do terrivel elemento a parte mais numerosa da sua longa e preciosa obra, trabalhos inapre-

ciaveis e valiosissimos de tantissimos annos, que tambem fôra trasida á Exposição de Milão.

Devido foi isso a terem elles sido reunidos sobre si, e separadamente, n'um dos grandes salões do Pavilhão das Bellas-Artes, todo e totalmente occupado por elles, quer pendentes de suas paredes, quer dissimminados por todo o seu ambito em quadros moveis, e constituidos por desenhos, reduções, estudos e relevos, dando em seu conjunto, para quem em todos elles attente, a rápida e invencivel impressão de irresistivel admiracão, não só por sua prodigiosa quantidade como ainda pelo primoroso de sua execucao, parecendo impossivel que um semelhante acervo de productibilidade artistica seja «produção de uma só intelligencia e de uma só mão». Comprehende-se n'elles tambem avultado numero de opusculos em que são expostos e tratados pontos essenciaes e importantissimos da arte, com uma notabilissima proficiencia, dando testemunho incontestavel de sua infatigavel observação e de seu judicioso e acertado criterio, um e outra havidos como de mestre e guia seguro em toda a Italia.

A obra colossal do sr. Alfredo d'Andrade, abrange toda a vastissima area da arte, com seus indefinidos e indeterminados horisontes, pintura, architectura, trabalhos em madeira e em ferro, estofos, ceramica, vidraria, etc., e a toda a luz patenteia o aturado e indefesso estudo que elle lhe tem consagrado, e com que tem desvendado e trasido a plena luz as memorias de, sob esse ponto de vista, todo o passado glorioso da Italia, e de suas tradições d'arte e de vida civil e militar, assenhoreando-se inteiramente d'elles de modo a tornar-se precioso e seguro consultor sobre todos e qualquer ponto ou assumpto que lhes respeite.

As condições que em si assim reúne o sr. Alfredo d'Andrade, e que resultados são consequentes da sua alta intelligencia, infatigavel saber e consagração inteira e incondicional á Arte e seus motivos, a qual tem feito e constituido o estofos principal de sua existencia, deram azos a que o sr. Luca Beltrami, que sobre ser um eminente critico é um grande artista, e tem sido por vezes deputado por Milão, é par do reino e já ha sido indigitado para ministro e de modo algum inclinado é ao elogio, possede escrever no artigo a que por vezes me tenho referido, que o sr. Alfredo d'Andrade faz com sua poderosa e caracteristica individualidade accudir naturalmente á mente o nome de Viollette-Duc e com suas numerosas observações e anotações sobre os mais variados argumentos da arte applicada recorda o alto exemplo de Leonardo de Vinci. Um tal testemunho de pessoa de tamanho peso e de tão subido apreço, como é o sr. Luca Beltrami, justificação plena e incontradictavel é só por si da alta valia do sr. Alfredo d'Andrade, e de que de todo o ponto justa a consideração e benemerencias que a Italia lhe vota e presta.

Aos tantos attributos que, ao correr da penna e superficialmente, hei apenas rastreado como conjugando-se em o sr. Alfredo d'Andrade, tem a acrescentar-se a sua muita e excessiva modestia, tornada proverbial entre os artistas da Italia e levada a tal ponto que no Salão do Pavilhão de Bellas-Artes da Exposição de Milão, todo prehenchido e opulento com e de trabalhos seus, cousa alguma ha que apregõe pertencerem-lhe estes e terem sahido todos de sua virtualidade, o que em muito concorre, infelizmente, para que esta não possa ser bem apreciada e aquilatada em seu justo valor senão pelos que bem attentem em obra tão operosa e miudamente a estudem.

Ao seu intissimissimo culto pela Arte reúne o nosso compatriota a mais inestimavel serenidade e doçura de animo o que bem se lê, como o nota o sr. Beltrami, em seu aspecto florescente e lhano, em que algo e muito parece reflectir-se do «bello» que tem sido a devoção de sua existencia inteira.

Honra e respeitos sejam, pois, por bem merecidos, tributados por Portugal ao sr. Alfredo d'Andrade pela maneira por que tão distincta e sobresalientemente — benemerito filho seu — o representa em Italia!

Lisboa, 20 de agosto de 1906.

RODRIGO VELLOSO.

P. S. — Estava já desde dias entregue á esclairada Direcção do OCCIDENTE a precedente noticia quando no *Diario de Noticias* em seu n.º 14.636, de hoje, 24 de agosto, sahio estampada carta do seu correspondente em Milão cujo texto, acompanhando retrato do sr. Alfredo d'Andrade, n'elle impresso, é todo consagrado ao nosso bene-

merito patricio e ao diffundido e bem ganho renome que o aureola em toda a Italia, e isso trazido a proposito do artigo do sr. Luca Beltrami, a que eu tão largamente me refiro, de que traduzidos para a mesma carta alguns de seus periodos mais suggestivos.

Motivo para jubilo é que a imprensa do nosso paiz seu fito e empenho ponha em sublimar as glorias nacionaes, e mui especialmente as taes tornadas e sancionadas no estrangeiro, não se contentando tão só com saber que ahi são ellas comprehendidas e exaltadas em sua justa valia, sem entrar, como tão irrefragavel dever lhe corre de o fazer, no unisono côro de applausos que lá as consagra.

A minha desprezenciosa noticia sobre o preclarissimo lisbonense Alfredo d'Andrade para que solicitei hospitalidade no OCCIDENTE marcando o passo a que a obriga a trimensal publicação d'este, vae perdendo com isso o unico predicado que a recommendaria, qual o de ser a primeira a dar superficial conta na actual conjunctura, suscitada pelo incendio acontecido na Exposição de Milão, da extraordinaria e brilhantissima obra por elle realisada em Italia com admiração e applauso de todos os seus primaciaes artistas.

Sobre a carta de Milão publicada no *Diario de Noticias* a que me referi no precedente P. S. sae hoje 25, no *Diario Illustrado*, em traducção do sr. João Taborda, o artigo inserido pelo sr. Luca Beltrami no *Corriere della Sera* precedido de carta á redacção em que de envolta com homenagem sagrada a quem tanto exalça o nome portuguez na Italia, o applaudido e benemerente dilettante das artes, salvador e restaurador dos magnificos pannos d'Arraz do Tribunal da Relação, disserta sobre sua versão com o melhor dos humores e o mais captivante espirito.

Ainda bem que o sr. Alfredo d'Andrade vae recebendo algo do muito preto que lhe é devido, embora o meu pequenissimo obulo para elle fique para... final.

R. V.

MAJOR FREIRE D'ANDRADE

NOVO GOVERNADOR GERAL DE MOÇAMBIQUE

Pela demissão pedida pelo sr. conselheiro João d'Azevedo Coutinho de governador geral de Moçambique, teve o governo que nomear novo governador para aquella provincia ultramarina, e essa nomeação recahiu no major sr. Alfredo Augusto Freire d'Andrade, um official tão intelligente quanto conhecedor d'aquella provincia da Africa portugueza, onde tem passado boa parte de sua vida no desempenho de importantes commissões de serviço militar e de administração.

A biographia colonial de Freire d'Andrade, é das mais honrosas que conhecemos. Além do curso da sua arma, o distincto official conta o da escola de minas de Paris, onde obteve as melhores classificações. Estreou-se em Africa em 1890, como chefe da commissão de minas encarregada de estudar os recursos mineiros da provincia de Moçambique e territorios adjacentes. Largos annos durou esse estudo, tão rico em resultados praticos e scientificos, devendo-se-lhe toda a legislação mineira que hoje alli vigora. Freire d'Andrade não se contentou com percorrer a provincia, foi ao Rand e a Johannesburg, vêr como se fazia a exploração mineira; e os seus estudos foram considerados tão importantes, que lhe mereceram significativas distincções dos collegas e corporações sábias do estrangeiro.

A campanha de 1895, em que tanto havia de se distinguir Mousinho de Albuquerque, interrompeu a sua commissão de serviço, chamando-o ás fileiras. Foi então que, ao zunir das balas e frechas, Freire d'Andrade organisou essa grande série de postos militares de grande solidez, que ainda hoje se encontram de pé e que enlçaram os revoltosos indigenas nas malhas de uma rede d'onde não podêram escapar-se. O acaso e a falta de officiaes combatentes deu-lhe, em Magul, o commando d'esses 275 soldados que durante tres horas tiveram de bater-se com 6:000 dos soldados mais aguerridos do celebre Gungunhana. Ao fim d'esse tempo o gentio tomava a fuga, e Freire

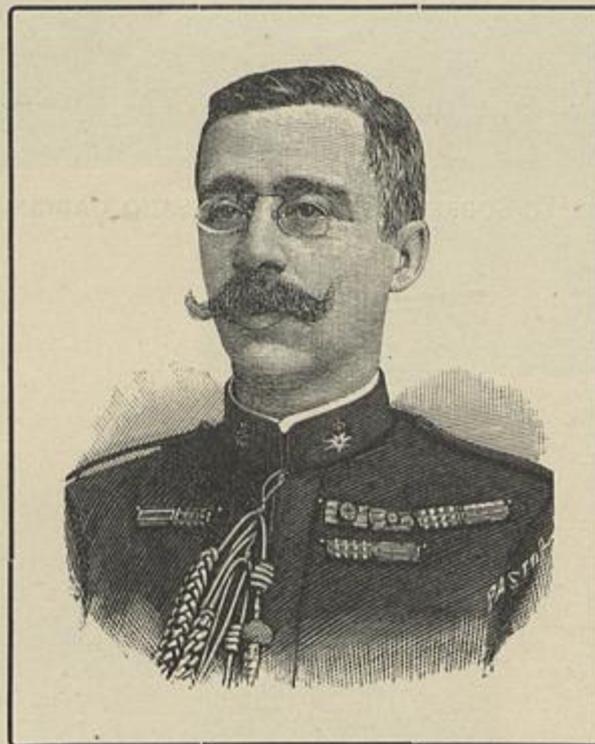
d'Andrade regressava á costa, coberto de gloria.

As suas brilhantes qualidades militares estavam evidenciadas; ia agora exemplificar os seus dotes administrativos. Governou interinamente a provincia; orientou-se em todos os problemas que pesavam e pesam sobre aquella colonia, e o que fôra official valoroso e intrepido, affirmou-se homem de governo de alta envergadura, pertinaz e energico em conseguir o exito, diplomata subtil nas multiplas relações difficeis do cargo official, intelligente e competente na administração. Tal é o passado do homem que vae governar agora, a provincia de Moçambique, resultado feliz de uma escolha que o honra a elle e ao governo.

Embellamentos de Lisboa

Viaducto sobre a Avenida Ressano Garcia

O alargamento de Lisboa de Norte a Sul e de Oeste a Leste, já conquistando terrenos ao Tejo, com as obras de seu porto, já saltando as antigas



MAJOR FREIRE D'ANDRADE

Novo governador geral de Moçambique

barreiras que a cintavam, é hoje um facto consumado, que mal sonhavam nossos avós e que é o espanto dos contemporaneos, dos que hoje lhes custa a reconhecer a Lisboa de ha trinta annos, que vae passando á historia para estudo dos archeologos.

Claro está que o que mais a tem transmutado é que, ao alargamento do espaço adquirido, correspondeu o desenvolvimento de edificações mais ou menos sumptuosas, como as que se observam hoje em muitos pontos da cidade e muito especialmente na Avenida da Liberdade, centro e coração da Lisboa nova, da Lisboa do seculo xx, bem differente da do seculo que passou, quer na sua vida exterior, quer na sua vida intima.

Não deixaremos comtudo de notar, e com magua o sentimentos, o cosmopolitismo das novas edificações, sem character, sem originalidade, algumas improprias até do clima, obedecendo apenas á fantasia dos architectos ou aos caprichos insensatos dos proprietarios, em lugar de se sujeitarem a um plano bem orientado que desse á nova cidade um character mais seu, mais tipico, que offerecesse novidade ao estrangeiro que a visite, não a confundindo com todas as cidades do mundo que elle tenha percorrido.

Assim como Lisboa tem um character particular pela sua disposição geographica e pelo accidentado do solo, permitindo que das suas montanhas se disfructem os encantadores panoramas de seus valles povoados, tambem os a lornos que ella vae

pedir á arte deviam ser combinados de modo a augmentar-lhes as bellas naturaes, quer com edificações caracteristicas, quer arborizando e cobrindo de vegetação as encostas á semelhança dos jardins suspensos de Babilonia.

O muito que se tem feito, só mostra o muito mais que ha a fazer, para destacar Lisboa de tantas outras cidades da Europa e atrahir o viajante estrangeiro.

Por enquanto poucas ou nenhuma obra d'arte se podem apreciar na cidade nova. Em tempo um engenheiro francez chegou a elaborar um projecto de ponte entre S. Pedro de Alcantara e o alto da Graça, uma ponte, verdadeira obra d'arte, que atravessando por sobre o grande valle em que se estende a Avenida da Liberdade, daria a Lisboa um aspecto mais original, pelo arrojado da concepção, bem differente dos viaductos que se enredam nas grandes capitaes lá fóra, principalmente nos Estados Unidos, onde cruzam as vias ferreas.

Não passou, porém de projecto essa obra gigantesca.

Agora outro projecto se apresenta, mais modesto é certo, mas tambem grandioso e bello, qual o que dá motivo a estas linhas.

Referimo nos ao projecto de um viaducto sobre a Avenida Ressano Garcia, para a passagem dos comboios da linha de cintura, projecto do sr. Alvaro Machado, um architecto cheio de talento e de vontade de trabalhar, pois tem ja produzido obras de valor que o OCCIDENTE tem registrado, como o tumulo do Visconde de Valmor o monumento a Eduardo Coelho e outras.

Os desenhos que reproduzimos mostram bem a belleza do projectado viaducto, completando-o com o projecto de edificações que deveriam entestar o viaducto, e que produziriam surprehendente effeito.

Os pilares e testas do viaducto devem ser de cantaria e a parte restante de ferro forjado ornamentado. As figuras que assentam sobre as bases dos pilares, são de pedra, representando o Commercio, a Industria, a Agricultura e a Arte.

As que assentam sobre a parte superior dos pilares para cada um dos lados do viaducto, são de bronce e representam uma o Progresso, a outra a Sciencia.

Na parte central do viaducto e para cada um dos lados tem escudos de armas reaes e nos pilares escudos da cidade de Lisboa.

A parte inferior do viaducto, que faz tecto, é constituida por caixotões formados pelas vigas de ferro indispensaveis á construcção, pintadas com ornamentações a ouro, sendo tambem dourada em partes, toda a ornamentação em ferro.

O viaducto será illuminado por trinta lampadas electricas e os braços d'estas, em ferro forjado ornamentado, assim como a vedação do viaducto.

O viaducto é de tres vãos, tendo de comprimento 60 metros por 14 de largura para duas vias ferreas.

Sobe 6,^m60 acima do nivel da rua e 7,^m10 na parte superior ao nivel dos rails.

O custo desta bella obra pode calcular-se em cento e cincoenta a cento e sessenta contos de réis, quantia talvez elevada em relação a uma simples obra de utilidade, mas se atendermos á sua belleza artistica é preferivel a outro projecto em que se gastem menos alguns contos de réis sem gosto e sem arte, como tantas obras que por ahi se vêem.

A boa economia consiste em saber gastar, e nesta boa terra muito dinheiro se consome sem que se lhe veja o resultado.

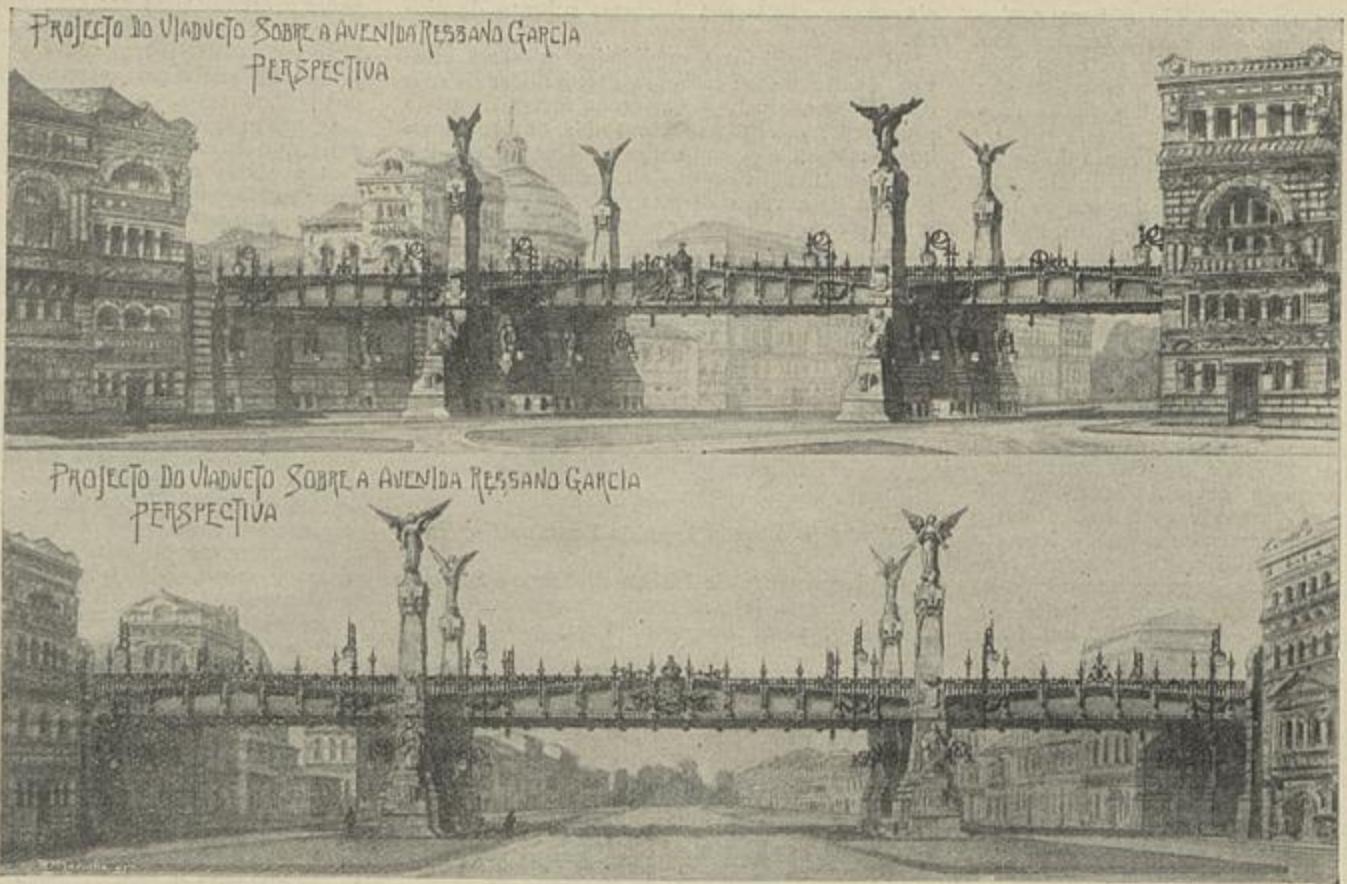
Terremoto de Valparaizo

Quando no ultimo numero do OCCIDENTE nos ocupámos do terremoto de S. Francisco, mal pensavamos ter de tão breve nos referir a um outro cataclismo semelhante, de tão grandes ou maiores proporções ainda que aquelle, occorrido no Chili, qual foi o terremoto que destruiu a cidade de Valparaizo, estendendo os seus effeitos até Santiago, capital da republica, e a grande parte da costa occidental.

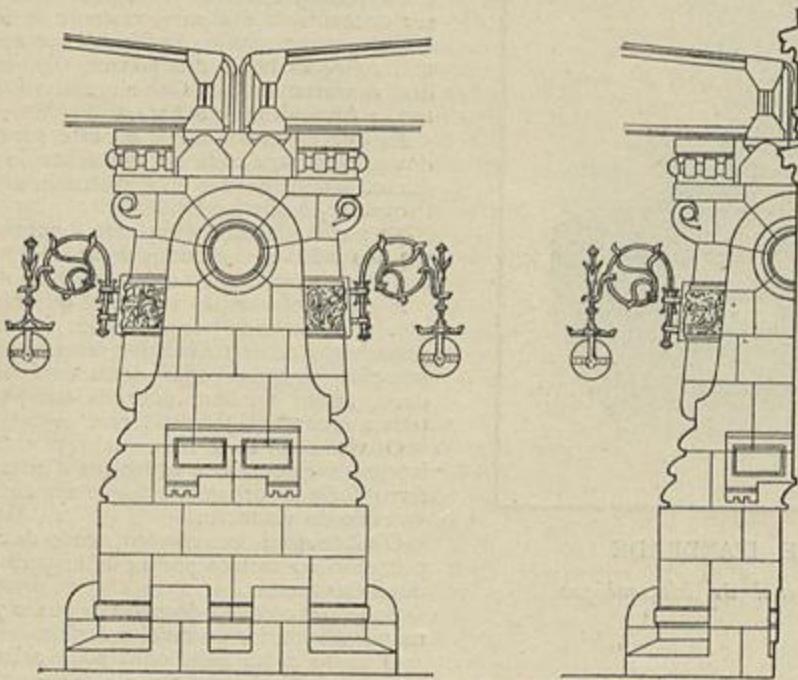
O Chili como a Argentina são hoje das mais florescentes republicas da America Meridional.

O estado do Chili estende-se pelas costas do grande oceano não menos de 1700 kilometros n'uma faixa de 185 kilometros de largura, tendo

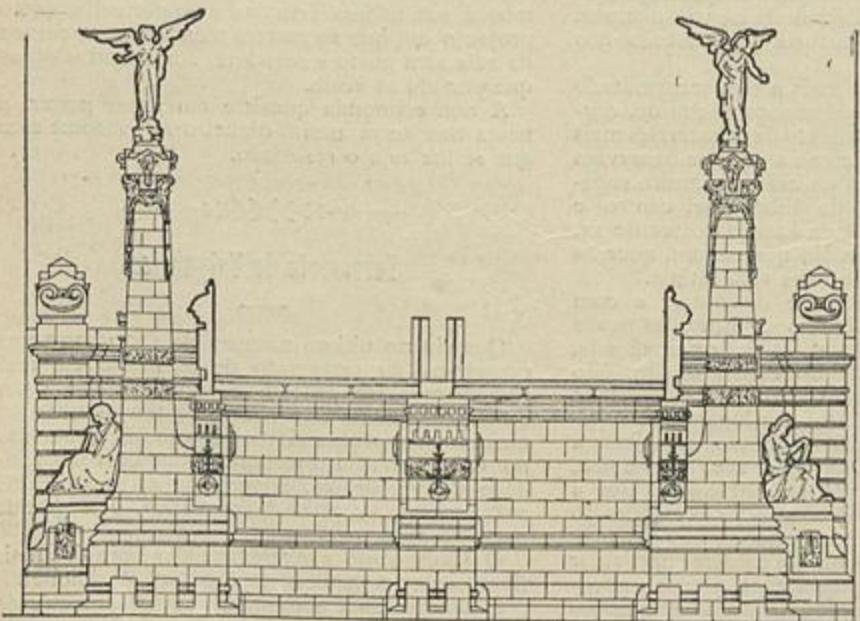
Embellesamentos de Lisboa



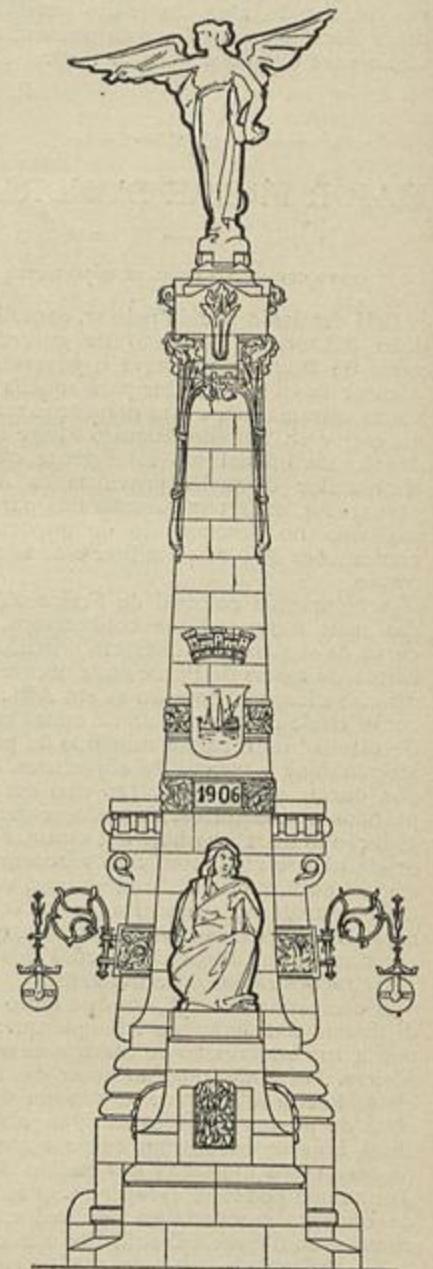
PROJECTO DE VIADUCTO SOBRE A AVENIDA «RESSANO GARCIA»— Por *Alyaro Machado*



INTERIOR DE UM PILÃO DO VIADUCTO



CORTE TRANSVERSAL DO VIADUCTO



UM PILÃO DO VIADUCTO

O terremoto de Valparaizo



O PORTO DE VALPARAIZO

por limites ao norte a Bolivia, ao sul e a sueste a Patagonia e a leste a federação do Rio da Prata. Divide-se em sete provincias, Santiago, Valdivia, Calchagua, Aconcagua, Maule, Coquimbo, Conceição e o archipelago de Chiloe. As suas principais cidades são: Santiago, Valparaizo, S. Fernando, S. Carlos, Valdivia, Coquimbo, S. Filipe, Canquenes e Conceição. Sua população é hoje de cerca de dois milhões de habitantes, acrescida pela grande colonisação dos ultimos annos.

Situado em região montanhosa, eleva-se desde a costa até á cordilheira dos Andes. Solo vulcanico onde são frequentes as convulsões sismicas, é rico de minas de ouro, prata, cobre, ferro, estanho e outros metaes de valia. Cortado pelos rios Maypo, Guasco, Quillota, Valdivia, Maule e outros que fertilisam seus valles, tem ainda as brisas do mar e copiosas chuvas, que moderam a temperatura da sua zona torrida, permitindo-lhe variada e abundante cultura de seus terrenos onde produz todas as plantas dos tropicos como as da Europa.

Os indigenas chilenos derivam de duas raças distinctas denominadas *araucanos* e *puelchas*, os



A BAHIA DE VALPARAIZO



A ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO DE VALPARAIZO

os governos d'aquelle pais tem posto seus melhores cuidados, e no progresso em que vão, em geral, os estados da America do Sul, de esperar é que em poucos annos rivalisem com a America do Norte.

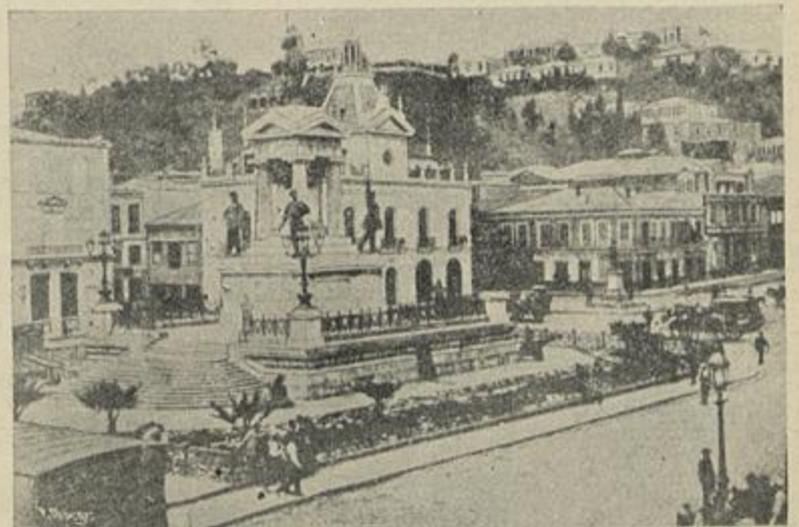
Pelo que fica dito vê-se que o grande desenvolvimento do Chili data de poucos annos e por isso as suas cidades tem-se engrandecido modernamente. Santiago e Valparaizo, são as mais opulentas em suas edificações e monumentos, avultando os estabelecimentos escolares, universitarios grandiosos.

Valparaizo a cidade que mais soffreu com o terremoto é uma das mais importantes, situada 125 kilometros ao N. O. de Santiago, capital do Chili, e com uma população de cerca de 100:000 habitantes. O movimento do seu porto é grande de navios que servem o commercio da pequena republica.

As gravuras que publicamos dão ideia tanto do



A RUA ESMERALDA, EM VALPARAIZO



PRAÇA E MONUMENTO DE ARTHUR PRATS, EM VALPARAIZO

(Copias de photographias)

porto e bahia de Valparaizo, como de uma das suas melhores praças com o monumento de Arthur Prats, a magnifica estação do caminho de ferro e a rua Esmeralda, tudo edificações magnificas d'uma cidade moderna.

O terremoto occorrido na tarde de 17 do corrente destruiu quasi completamente essa formosa cidade, alcançando tambem Santiago embora com menos intensidade.

Mais de 3:000 edificios foram derruidos ou ameaçam immediata ruina, e calcula-se em 2:000 as pessoas que pereceram nos escombros, nas fendas abertas do solo d'onde sahiam as chamas.

O primeiro abalo de terra sentiu-se ás 7 horas e 5 minutos da tarde e successivamente se foram sentindo mais até as 8 horas e 42 minutos que foi o mais violento, durando cada abalo 20 a 40 segundos.

Pelo que communicam de Buenos Ayres, os effectos d'estes abalos alcançaram mais Santarosa dos Andes.

Na estação sismologica de Hamburgo registrou-se este abalo de terra seis horas depois de elle se ter dado, manifestando os sismographos grande agitação por muitas horas.

LITTERATURA INGLEZA

G. H. Wells

O OVO DE CRISTAL

(Continuado do numero antecedente)

Mister Wace, da sua parte, encontrara com mistress Cave, no acto de vir fazer uma qualquer encomenda, estando ausente mister Cave. Ava liava os tormentos perpétuos que o pobre homem teria que supportar; e, ponderadas as consequencias, decidiu-se a dar asilo ao ovo. Mister Cave prometeu explicar mais cabalmente, para outra vez, os motivos do seu notavel apêgo ao ovo de cristal, e falou claramente acerca das visões que nelle descobria. Voltou a procurar mister Wace naquella mesma tarde.

Contou-lhe uma historia complicada. O ovo de cristal, affirmou, viera-lhe parar ás mãos junto com outros objectos comprados num leilão subsequente ao fallecimento de um collega, e, ignorando qual fosse o valor exacto do alludido objecto, colara-lhe um rotulo declarando o valor de dois shelins.

E assim o foi guardando pelo espaço de uns meses, tencionando abater o preço, eis se não quando, effectou um descobrimento singular.

O seu estado de saude, áquella data, era assás ruim — Cumpre não perder de vista a circumstancia de que, durante todo aquelle negocio, o seu estado fisico se conservou muitissimo precario — e que experimentava intimo desgosto, causado pelas desatenções e, mais positivamente, até, pelos maus tratos que lhe infligiam tanto a esposa como os filhos desta. Era vaidosa a consorte, extravagante, arisca; nutria uma predilecção crescente pelas absorpções particulares de bebida. A enteada sumitica e pretenciosa e o enteado concebera para com elle violenta aversão, não deixando escapar o minimo ensejo de a manifestar. As exigencias do seu commercio caíam-lhe todas em cima, e mister Wace não crê que elle seja isento em absoluto de intemperança eventual.

Estreara-se com uma situação desafogada, recebera uma certa educação, e durante semanas e semanas padecia de hypocondria e insomnias. Receoso de incomodar a familia, sempre que se lhe tornavam intoleraveis os pensamentos, esgueirava-se do leito sem acordar a esposa, e andava ao leu pela casa; certa manhan, ahi pelas três horas, em fins de agosto, quis o acaso que fosse dar á loja.

Atravancado, pulverulento e sujo, o recinto estava immerso em impenetravel escuridão, salvo em um ponto onde lobrigou insolita claridade. Ao aproximar-se, descobriu que era o ovo de cristal, a um canto do balcão, ao pé do mostruario.

Por uma frincha do postigo penetrava um raio ténue, parecendo, por assim dizer, encher completamente o interior da loja.

Mister Cave reflectiu que o facto não concordava com as leis da optica taes quaes lhas facultava a retentiva. Podia conceber os raios refractos pelo cristal até um foco interior, mas aquella

diffusão desarrumava a sua concepção dos phenomenos fisicos. Acercou-se muito do ovo de cristal, examinou-o em todos os sentidos com um subitaneo despertar d'aquella curiosidade scientifica a qual, nos seus dias de juventude, determinara a escolha da sua profissão.

Verificou com espanto que a luz não era constante, mas sim que se misturava com a substancia interna do ovo, como se o objecto fora uma esfera ôca cheia de um qualquer vapor luminoso. Ao andar-lhe de roda, afim de a ver sob todos os aspectos respectivos, de subito, percebeu achar-se entre o raio e o ovo, e que o cristal, nada menos, permanecia luminoso.

No auge de espanto, pegou-lhe e levou-o para o canto mais escuro da loja. Conservou o brilho pelo espaço de quatro a cinco minutos, foi embaciando a pouco e pouco, até que por fim se apagou. Tornou a collocá-lo debaixo do ténue fio de luz e o ovo, quasi que acto-continuo, recuperou de todo a claridade.

Até ali, pelo menos, mister Wace posteriormente pôde verificar a notavel historia de mister Cave. Elle proprio, por diversas vezes, manteve o cristal debaixo de um raio de luz (cujo diametro não atingiria um milimetro), e, em absoluta escuridão, até ao ponto que a poderia produzir um involucro de veludo, o cristal, sem a minima duvida, emitia uma tenue fosforescencia. Aquella claridade, comtudo poderia antolhar-se como sendo de qualquer especie excepcional, e não egualmente visivel para os olhos de toda a gente, visto como mister Harbinger, — cujo nome é familiar a todo e qualquer leitor scientifico — se achou de todo inapto a ver nelle a minima luz. E a propria capacidade de mister Wace era incomparavelmente inferior á de mister Cave. E ainda no caso deste ultimo, semelhante poder variava de modo consideravel: a sua visão era mais aguda nos momentos de extrema fiauqueza ou de grande cansaço.

(Continúa).

M. MACEDO.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

INTRODUÇÃO

I

(Continuado do numero antecedente)

Dar uma ideia do que fosse antes de 1755 a Cotovia, o Rato e as Amoreiras, este pedaço da cidade que escolhi para assumpto destas investigações, é tarefa summamente difficil.

Não abundam documentos directos, que elucidem sufficientemente o leitor quanto á topographia do terreno. Os dados topographicos que indirectamente colhi de numerosos livros já impressos, já manuscritos, que me passaram pela mão, serviram quando muito para a minha orientação. Transmitti-los ao leitor taes como os deduzi da leitura desses documentos, seria preciso um vigor de exposição que reconheço não possuir. Quem alguma vez lidou com trabalhos deste genero saberá apreciar a difficuldade.

No principio do seculo xviii quem saísse as portas torrejadas de Santa Catharina e, deixando á esquerda o então aristocratico bairro alto de São Roque, subisse a empinada lomba do Moinho de Vento, muito tinha onde recrear a vista na comiemplação do soberbo panorama que de ali se disfrutava.

Em 1626, o autor de uma descripção metrica de Lisboa, preciosa pela profusão de noticias que nos transmittiu, diz: (!)

Chama-se aqui Campolide
Uma saída mui bella
Pelos largos horisontes
Que descobre a redondeza.

Largos e bellos horisontes deviam de sêr na verdade!

(!) Relação em que se trata e faz uma breve descripção dos arredores mais chegados de Lisboa — Lisboa 1626 por Alvares.

Para o sul a delectosa vista do nosso Tejo, espreguiçando-se nas praias de Santos; para o norte e poente os copados arvoredos de muitas quintas nobres por ahi espalhadas, e o aspecto bucolico dos oiteiros, onde hoje se recorta graciosamente o populoso e alegre bairro da Estrela. Ao nascente acastellava-se a cidade, mirando-se vaidosa no rio, e verdejavam sementeiras de casaes, as hortas e almoinhas de Valverde (!). Ponnhamos agora o bello sol de Portugal a illuminar esse quadro e pensemos que lindo panorama se perdeu.

Eu, por mim, confesso que tenho pena!

A rua do Moinho de Vento, chrismada ha annos em rua de D. Pedro v, e que ha pouco tempo esteve em riscos de soffrer nova alteração (!) dava ensejo a que a phantasia dos lisboetas se aprouvesse em idear o escalvado do sitio, povoado de laboriosos moinhos, que gemiam ao sopro do vento na crista do oiteiro.

Os moinhos acabaram; já lá vai tambem na voragem municipal o nome que os perpetuava, e só o vento, indifferente a todos os decretos camarios, continua soprando rijo, como que justificando aquella antiga designação.

Nobilitada com algumas casas nobres e boas quintas de regalo, começava aqui a chamada estrada de Campolide, seguindo mais ou menos a direcção da actual rua da Escola Politechnica, onde caminhava apertada entre os muros da quinta dos padres Jesuitas (á direita) e da quinta dos Soares de Noronha (á esquerda), que a acompanhavam até o Rato. D'ahi partia até ao mosteiro dos Benedictinos outra estrada. Era a de S. Bento. Lá está actualmente a rua do mesmo nome indicando-lhe a directriz. Entre uma e outra alastravam-se, onde hoje se cruzam as alegres ruas do bairro, diferentes quintas e casaes. Logo as nomearemos. Depois continuava a de Campolide, ladeada de viçosos pomares e olivedos por São João dos Bemcasados até o seu termo.

Em 1721 quando se deu começo á clausura no mosteiro das religiosas Trinas do Rato, principiaram a edificar-se no local algumas casas, em chãos que as freiras iam aforando.

Acontecia isso quasi sempre junto aos conventos. Quantos não foram inicio de povoações no campo; quantos, principio de bairros, n'uma cidade!

O aforamento dos terrenos contiguos, facilitado pelas religiosas, e a atracção que nesse tempo exerciam as clausuras, foram motivos fortes da agglomeração de populações junto dos seus edificios.

Frei Manuel da Conceição no seu já citado livro diz, que depois de 1722 se foi aquelle sitio povoado de algumas casas.

Meado do seculo xviii afluiram as edificações, começaram-se delineando algumas ruas, e era já tão sensivel o augmento da população, que D. Thomás d'Almeida determinou erigir uma nova parochia que abrangesse os agrupamentos da casaria modernamente construida.

Foi erecta a nova parochia de Santa Isabel em 15 de maio de 1741 n'uma ermida que naquellas paragens possuia Ambrosio Lopes e que era da invocação do seu patrono, tirando-se ás freguezias limitrophes, Mercês, S. Sebastião da Pedreira e Santos, algumas moradas de casae.

O circuito da nova freguesia era o seguinte: Principiava no convento do noviciado até o sitio chamado do Moinho de Vento, e d'ali pelas terras da Cotovia, ia desde a rua nova de S. Bento (defronte da porta do carro, e pela mesma rua abaixo), até o canto da horta que ficava em frente do convento. Voltava pela colçada acima e por entre os muros chegava á Estrela. D'ahi ao longo do muro da quinta de S. João, ia á cruz de Buenos-Aires, e seguindo a direito até o canto da terra dos padres das Necessidades, descaia á Horta-Navia, na ribeira de Alcantara. Seguia depois pela corrente desta acima, chegava aos Arcos das Aguas Livres e d'ahi até o chafariz de Campolide, d'onde, subindo o monte até o mais alto delle, descaia para Valle do Pereiro, vindo a fechar-se

(!) Diz o padre Carvalho da Costa no volume 3.º da sua Chronographia, escripta no 1.º quartel do seculo xviii, que na freguesia de S. José, havia quatorze hortas, muitas quintas e alguma casae.

(!) Sobre este assumpto publicou o autor um artigo no jornal a «Tarde» de 11 de novembro de 1904.

no muro das casas do noviciado, ao alto da rua do Salitre (1).

Como se vê, era extensíssima a área que constituía a nova freguesia, e embora n'ella predominasse ainda o aspecto campesino de arrabaldes já muitas casas disseminadas entre searas e vinhedos começavam a anunciar uma invasão ainda que vagarosa da vida cidadã, principalmente no Rato e em São Bento. Ahi acudia já o elemento commercial. Em 1750 e tantos, cinco casas de negocio se sustentavam do consumo desse bairro suburbano; e chamo-lhe bairro, porque assim o menciona um documento coevo (2).

Nada ha que signifique melhor a tendencia do agrupamento de populações em um bairro, do que a affluencia desse elemento nas suas proximidades. Deu-se esse facto então como se dá actualmente nas novas avenidas, onde as casas commerciaes vão augmentando de numero á medida que ellas se povoam de modernas edificações.

Lisboa iniciava pois o seu movimento de avanço para o norte e poente, devagar é certo, mas já bem definido na criação da paróquia de Santa Isabel.

Sobre os cháos cultivados desenhavam-se dia a dia as primeiras tentativas de arruamentos, formados em liberdade ao sabôr e gosto dos edificadores.

A cidade progredia, porque não ha cidades improgressivas, mas a sua evolução era lenta. Não havia, como hoje ha, esta febre de edificar que ha vinte annos se apossou dos lisboetas, e o alastrar da casaria era espaçado e ronceiro, quando um facto inesperado veio dar-lhe no breve espaço de um lustro, se tanto, um impulso gigantesco, que fez com que ella galgando de um salto os oiteiros despovoados do poente, transbordasse pelas suas faldas campesinas inundando de casas os seus verdejantes suburbios.

Esse factor principalissimo, senão essencial, do desenvolvimento de Lisboa, foi o terremoto grande de 1755.

G. DE MATTOS SEQUEIRA.

(1) Mappa de Portugal pelo Padre João Baptista de Castro — Volume 3.^o

(2) Diz a *Gazeta de Lisboa* (1753): — No sitio de Campolide onde de novo se formou um bairro...

Assistencia Escolar

Carta de Dom Thomás de Noronha aos portuguezes da India

Ainda ha pouco o OCCIDENTE fallou d'este poeta e escriptor a proposito dos seus *Contos da India*.

Hoje porém, é a sua *Carta aos portuguezes da India* elogiada por toda a imprensa do pais da India portugueza, inglesa e até por jornaes ingleses que nos chama de novo a attenção para este portuguez benemerito que longe da sua terra tem honrado o nome fidalgo que herdou dos seus maiores.

Dom Thomás de Noronha alumno distincto do Curso Superior de Letras, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, é auctor de varios trabalhos em prosa e em verso, que tem grangeado bello acolhimento na imprensa e no publico. D. Thomás de Noronha é auctor do *Umbrano* e do *Tempo perdido* versos de Coimbra, além d'outros trabalhos como *A Barca do R. R. Senhor, não!*

O seu ultimo trabalho *Carta aos portuguezes da India* é mais um brilhante documento do seu valor de escriptor e do seu caracter dedicado á nossa India.

A assistencia Escolar em Gôa de que este livro faz a propaganda, tem feito o assumpto da semana na imprensa de Lisboa.

Sobre elle escreve o dr. Candido de Figueiredo. «O sr. Dom Thomás de Noronha, tendo, durante alguns annos, estudado as condições económicas, sociaes e intellectuaes da India portugueza, julgou oportuno lançar as bases de uma prestimosa associação, a *Assistencia Escolar*, destinada a aproveitar as facultades do indigena na aquisição de uma instrução sólida e prestadia.

Dirigiu-se, nesse intuito, aos portuguezes da India, em carta pública, que temos presente, e que foi traduzida em inglês, em marata e em cananin, e que obteve o mais lisonjeiro exito, fazendo-se successivamente quatro edições d'este documento.

Em Gôa e Bombaim, foi a generosa iniciativa do sr. Dom Thomás de Noronha secundada desde logo pelas mais evidentes e prestigiosas persona-

lidades daquella nossa provincia ultramarina, representantes do jornalismo, das finanças, do commercio, do professorado.

Com effeito, aquella iniciativa representa um vigoroso impulso ao progresso e prosperidade daquella nossa possessão.

O sr. Dom Thomás observou que a India, embalada outrora por uma vigorosa civilização, que a levava ao misticismo e á indiferença pelas vicissitudes de ordem material, fôra facilmente esmagada pelos conquistadores, de procedencia vária; mas no cérebro do índio permanecera o cunho de uma civilização poderosa e, portanto, a aptidão para todas as aquisições intellectuaes.

Mas estas facultades não têm sido conhecidas, ou tem sido desprezadas, pelos governos metropolitanos. A instrução official é escassa e não habilita os estudiosos para as carreiras literárias do continente europeu; e, á mingua de futuro e de compensações, o índio portuguez, emigrando, procura os trabalhos mais rudes e menos compensadores em vários centros da India inglesa e fôra da India.

Desde que haja boas escolas portuguezas, o emigrante poderá levar consigo elementos mais valiosos, cujos resultados reverterão em beneficios da terra natal; e, desde que a Assistencia Escolar reúna os meios indispensaveis para mandar aos cursos superiores na Europa os indigenas de reconhecidas aptidões intellectuaes, o governo da metrópole terá muitas occasiões de



DOM THOMÁS DE NORONHA

testemunhar que o índio pôde colaborar brilhantemente no engrandecimento e créditos da nacionalidade portugueza.

Alem de tudo, a Assistencia Escolar será vantajoso meio contra a crise, que a nossa India atravessa, de desnacionalização, que o actual sistema de ensino agrava cada vez mais. E' que, em Gôa, as escolas mais frequentadas são inglesas, ao lado de um escasso e defeituoso ensino nacional, quasi inutil e de restritissima applicação prática.

A Assistencia Escolar procurará remediar esta crise, e, nesse intuito, conta com a decidida cooperação das mais prestantes e prestigiosas entidades, entre as quaes a familia real portugueza, o Arcebispo de Gôa, o governador da provincia, dirigindo-se, ao mesmo tempo, a todas as classes sociaes, interessadas no progredimento da India.

Sem duvida, merecedora de vingar nos mais sazonados frutos, a generosa propaganda do sr. Dom Thomás de Noronha logrará o acolhimento que a nossa pátria e a civilização em geral não podem regatear aos mais desinteressados e nobres empreendimentos».

SCIENCIA MODERNA

TREMORES DE TERRA E VULCÕES

Os abalos de terra parecem estar na ordem do dia. Ainda no ultimo numero d'esta revista nos referimos ao terremoto de S. Francisco da California e já hoje temos a registrar em Valparaiso e S. Thiago (Chili), outro de igual intensidade o qual, como o primeiro, foi seguido de incendio.

São frequentes, n'esta parte da America e quasi diários os abalos de terra, e os habitantes d'essas regiões sentem-nos quasi que indifferentemente, como os habitantes das regiões polares, se estas os tivessem veriam, sem pasmo, o Sol conservar-se abaixo do seu horizonte durante 179 dias do anno.

Mas d'esta vez a intensidade do phenomeno attingiu taes proporções que as cidades chilenas se alvorçaram.

Ainda recente o abalo de S. Francisco da California, o Chili via, no seu territorio, a reprodução quasi exacta do quadro pavoroso observado n'aquella cidade.

Parece que a substancia ignea do interior do globo que ha annos dormia debaixo das camadas profundas da crosta terrestre, despertou subitamente, produzindo estragos á superficie, desvastando cidades inteiras, victimando milhares de vidas, reduzindo a cinzas este ou aquelle ponto.

Já em tempos, n'esta mesma Revista dissemos algumas palavras sobre a sismologia. Hoje, voltaremos ao assumpto, debaixo de um ponto de vista diverso d'aquelle em que, então, o considerámos.

Um estremecimento do solo dá principio ao abalo de terra; primeiramente nota-se uma pequena agitação que cessa para recommençar, mais tarde, continua ou intermittenemente, terminando por choque violento. Em 1883, a duração do abalo de terra foi de 16 segundos na Ischia (1), e tanto bastou para a sua destruição. Nas ilhas Sandvichs, em 1868, só em Março, houve 2:000 abalos que produziram estragos consideraveis. Em 1884, o terremoto da Andaluzia a 25 de Dezembro, só teve fim em 11 de Abril (2).

Como se vê, a sua duração é muito variavel. A *extensão* ou a area em que elles se sentem pôde muitas vezes, attingir grandes distancias. E assim que o terremoto de 1755, em Lisboa, produziu seus effeitos até uma distancia de 3 milhões de kilometros quadrados. Quanto ao modo de propagação, pôde este ser diverso, determinando sempre a produção de *ondas sismicas*, ou curvas *isoseistas* que se propagam com velocidades muito variaveis, curvas semelhantes ás *isobaras*, ou curvas barometricas.

Para se conhecer a hora do phenomeno, sua duração, extensão e modo de propagação, utilisamos de appaerhos especiaes: os *sismometros* que apenas constataam o phenomeno e seu resultado, e os *sismographos* que o registam.

Dos primeiros fallaremos, como principaes, dos *sismometros de eixo* constituídos por um corpo pesado movendo-se n'um caixilho em torno de um eixo vertical. No momento do phenomeno, o eixo pende, o caixilho desloca-se e uma agulha produz n'um quadro quadrado, o movimento. Nos *sismographos*, esses movimentos communicam-se a uma alavanca, e d'esta a uma ponta de lapis que traça n'um papel quadriculado, movel por um systema de relojoaria, as curvas representando os abalos, ficando assim registrada a hora precisa do phenomeno, visto o papel estar devidido em 24 espaços, cada um d'elles, representando uma hora.

Existem no Japão e no Vesuvio, *sismographos electricos*, os quaes são demasiadamente sensiveis registrando as vibrações independentes dos phenomenos sismicos, taes como variações barometricas, ventos violentos, etc. Os *sismographos mechanicos* são ainda os mais precisos.

No *sismographo* Kilian, a parte registradora do appaerho está ligada a um instrumento imaginado pelo director das facultades de sciencias em Grenoble, em substituição do appaerho Angot que até 1893, era usado n'essa localidade da França.

A parte mais importante d'esse appaerho está o elle achar-se em contacto por meio de uma corrente electrica, com uma campainha de alarme que torna possivel aos membros da Faculdade de Sciencias de Grenoble seguir attentamente o phenomeno desde o primeiro abalo.

O estudo da sismologia acha-se intimamente ligado com o dos vulcões e por isso, diremos algumas palavras sobre as theorias modernas do vulcanismo, demonstrando que estas ainda se não podem considerar como definitivas para a resolução do problema.

Onde se alimentam os vulcões?

N'uma erupção ha a distinguir: a rasão deter-

(1) Vid. OCCIDENTE Vol. VI 1883, pag. 203 e 204.

(2) Vid. Idem Vol. VIII 1885, pag. 35, 36, 37, 38 e 39.

minante da explosão subterranea e a presença da substancia explosiva no globo, que alguns consideram uma dissolução do vapor d'agua, sob uma forte pressão, na lava em fusão, comparando o phenomeno da erupção com uma garrafa de agua gazosa com o acido carbonico dissolvido, quando esta se desrolha.

Attendem a que o phenomeno é intermitente e não contínuo, e por isso a explicação do vulcanismo não é já dada pelo facto do calor central, mas unicamente pela vaporização subita das aguas, chegando por capillaridade ao contacto da massa ignea e é n'esse momento que se dá a erupção.

Esta theoria tem objecções, pois citaremos, por exemplo, o vulcão das ilhas de Sandvich como um dos que menos geralmente soffre erupções. E os vulcões da enorme cordilheira dos Andes, a grande altitude, onde vão elles buscar as aguas maritimas para os efeitos que pretendem dar á causa do vulcanismo por elles apresentada?

Nós continuaremos sempre persistindo, até uma prova evidente, que a causa primordial existe na profundidade. Que os elementos gazosos naturalmente dissolvidos na lava, devem provir do foco incandescente. Os metaes em fusão absorvem gazes, facultade ligada intimamente á temperatura, a qual baixando, tende a que aquelles sejam expellidos, sahindo a lava pelas crateras vulcanicas. Parece-nos esta ainda, até hoje, a explicação mais plausivel das erupções.

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.

NECROLOGIA

VICE-ALMIRANTE SERGIO DE SOUSA

No dia 18 do corrente, na casa de sua habitação junto ao quartel dos marinheiros, em Alcantara, falleceu o vice-almirante Antonio Sergio de Sousa, commandante do corpo de marinheiros e ajudante de campo honorario de S. M. El-Rei D. Carlos.

O illustre extinto, nasceu em Lisboa a 22 de outubro de 1842, filho do almirante conde de Sergio de Sousa, e casou na India com a ex.^{ma}



VICE ALMIRANTE SERGIO DE SOUSA

sr.^a D. Anna Sergio de Sousa, da qual houve tres filhas, as ex.^{mas} sr.^{as} D. Maria, D. Mathilde e D. Juliana e um filho o sr. Antonio Sergio de Sousa, official da armada portugueza.

O vice-almirante Sergio de Sousa, sentou praça de guarda marinha em 1 de outubro de 1855 e fazendo o curso da sua arma, em 11 de julho de 1861 era promovido a segundo aspirante, seguindo postos até ao de contra-almirante, em 3 de outubro de 1902 e promovido a vice-almirante poucos dias antes do seu fallecimento.

E' longa e das mais importantes a sua folha de serviços como official da armada e como governador das provincias ultramarinas.

Secretario do extinto conselho do almirantado e commandante do transporte *Africa*. Governador de Diu, Damão e Congo. Administrador do concelho de Loanda, secretario geral do governo de Macau, Timor e da India onde foi tambem vogal do conselho governativo. Commissario regio na limitação de fronteiras do Baixo Congo. Vogal da comissão para formular os regulamentos para a execução do tratado de commercio com a Hespanha. Vogal da comissão organisadora do serviço maritimo de policia do porto de Macau. Capitão do porto de Loanda e director do observatorio d'esta cidade e na mesma presidente do conselho superior de justiça militar.

Encarregado de uma syndicancia á alfandega de Ambriz e vogal da comissão incumbida de arbitrar a indemnisação aos proprietarios de salinas na India portugueza quando do tratado com a Inglaterra.

Encarregado tambem de formular as cartas das provincias ultramarinas.

A ultima comissão de serviço que desempenhou foi a de commandante do corpo de marinheiros no exercicio da qual falleceu.

Era socio da Sociedade de Geographia de Lisboa, onde foi presidente da secção de sciencias navaes e communicações maritimas, pertencendo tambem ultimamente á comissão asiatica.

O fallecido era cavalleiro, official, commandador e grande official d'Aviz; commandador de Christo, de S. Lazaro de Italia e da Aguia Vermelha da Prussia. Possuia as medalhas d'ouro de comportamento exemplar, de bons serviços e de serviços no ultramar; medalhas de prata de comportamento exemplar e da expedição a Angola e a medalha de cobre de soccorros a naufragos.

Como se vê, sua vida foi um exemplo de trabalho e dedicação aos serviços de que o encarregaram, pelo que bem mereceu a consideração e respeito de todos os portuguezes, deixando boa e honrada memoria.

A' sua illustre familia enviamos a expressão da nossa condolencia.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 411, 4.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75
LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 1\$500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA
R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

PORTO
Rua Sá da Bandeira, 359

Duas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de
1900 Grand Prix—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico
POR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Afonso XIII

Professores de S. A. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. A. o Principe Friedr. With. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERÁES, separadas para HOMENS e SENHORAS
Allemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol
Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 f

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal